



# **História e Interpretação em Ageu 2.20-23**

**Carlos Osvaldo Pinto**

Faculdade Luterana de Teologia

Dezembro de 1999

# HISTÓRIA E INTERPRETAÇÃO EM AGEU 2.20-23 1ª parte

Carlos Osvaldo Pinto\*

## INTRODUÇÃO

O breve livro de Ageu tem sido sujeitado a estudos teológicos na proporção inversa de sua extensão. O interesse em suas mensagens messiânicas tem sido grande nos últimos trinta anos e alunos de seminários conservadores com freqüência voltam para ele suas atenções acadêmicas.

À luz desse esforço, poder-se-ia dizer que mais um artigo sobre livro tão visitado seria “esporear cavalo morto”. No entanto, o cavalo profético de Ageu continua a espinotear livremente pelas campinas teológicas. Eruditos de convicções mais liberais continuam a argumentar que “a maioria das gloriosas expectativas de Ageu jamais se concretizaram. Os tesouros do mundo não foram despejados no templo e Zorobabel, o descendente de Davi, não parece ter desempenhado um papel proeminente na parte final do sexto século a.C.”<sup>1</sup> Parece-nos bastante nítido que tal abordagem da profecia bíblica é um ataque direto à fidedignidade das Escrituras e precisa ser respondido.

Na extremidade conservadora do espectro teológico, estudos têm seguido uma linha acomodativa, afirmando que Ageu dependeu da história secular como causa e/ou fonte de suas predições, e postulando um adiamento no cumprimento de seu quarto oráculo (2.20-23), tentando assim eximir o profeta da acusação de que suas promessas não se cumpriram. Assim fazem Joyce Baldwin, em seu comentário na Série Cultura Bíblica, e Robert Alden, na série Expositor's Bible Commentary.

Este artigo diz respeito aos dois problemas. Teria Ageu dependido da história secular para o anúncio profético que fez em 2.20-23? Se isso na verdade ocorreu, que papel desempenharam os eventos contemporâneos na formação da profecia e nas expectativas que ela certamente criou? Caso contrário, quais eram as expectativas de Ageu em relação a Zorobabel? Quem é o objeto desta profecia, e como Zorobabel se relaciona com ele?

---

\* Carlos Osvaldo Pinto, Th.D. (cand.) é atualmente diretor e professor de línguas originais e da área bíblica do Seminário Bíblico Palavra da Vida, em Atibaia (SP), sendo também membro da Comissão de Tradução da Nova Versão Internacional da Bíblia.

<sup>1</sup> David L. Petersen, “The Prophetic Process Reconsidered,” *Illiff Review* 41 (1984):18.

Este artigo investigará o contexto histórico de Ageu 2, numa tentativa de determinar se o último oráculo do profeta teve qualquer conexão de origem-cumprimento com a história do império persa no final do século seis a.C. Investigará, a seguir, a hermenêutica da passagem, numa tentativa de provar que não se trata nem de uma profecia de curto prazo, nem um texto de cumprimento postergado, sendo antes uma passagem tipológica que encontra seu cumprimento exclusivo na pessoa de Jesus Cristo.

## O CONTEXTO HISTÓRICO DE AGEU 2.20-23

### PANORAMA DA HISTÓRIA PERSA DE CIRO A DARIO

Uma boa compreensão do livro de Ageu exige um conhecimento mais ou menos detalhado de seu contexto histórico. Uma vez que é possível determinar com alto grau de confiança a data em que cada uma das profecias de Ageu foi trazida ao povo, o intérprete sente mais confiança aqui do que na determinação de outros contextos proféticos no Antigo Testamento.

Vinte anos depois de se tornar rei da Pérsia, Ciro II conquistou Babilônia, pondo fim ao domínio semita no Oriente Médio. Seu reinado agora incluía os antigos reinos da Média, da Lídia, da Assíria e de Babilônia. Sua política amistosa para com os povos conquistados levou-o a decretar a libertação dos judeus cativos e a permissão para que voltassem a Jerusalém. Esse decreto recolocou em movimento as rodas da história judaica que se haviam, a bem dizer, travado bruscamente com o cativo babilônico.

Ciro foi sucedido em 530 a.C. por seu filho Cambises II. Embora Cambises pareça ter sido muito maltratado pelos historiadores, também parece possível que sua falta de capacidade e estabilidade teria provocado um fim prematuro do império persa caso seu reinado se tivesse estendido além de 522 a.C.

Seu erro principal foi a maneira desastrosa e desastrada com que se livrou de seu irmão Bardyia, matando-o e escondendo a morte do conhecimento público.<sup>2</sup> Esse erro custou a Cambises não só o trono, mas a própria vida.

Depois de ter estabelecido o domínio persa sobre o Egito, Cambises foi confrontado com a notícia de que irrompera uma rebelião em Babilônia, onde um indivíduo que alegava ser Bardiya (ou Smerdis, seu nome grego), havia assumido o poder.<sup>3</sup>

Esse usurpador, que a História também conhece por Gaumata, foi aclamado imperador em 1º de julho de 522 a.C., e foi a causa da morte de Cambises. Não há consenso entre os historiadores quanto à natureza da morte de Cambises. Uma versão diz que ele cometeu suicídio, o que não seria improvável para um homem que já havia mandado matar a esposa (que era sua meio-irmã) e o próprio filho ainda não nascido, e havia ordenado o sepultamento em vida de doze nobres persas.<sup>4</sup>

## A CRONOLOGIA DO INÍCIO DO REINADO DE DARIO

Alguns persas de influência no império não aceitaram as alegações de Gaumata de que era o falecido Bardiya. Houve um golpe militar, liderado por Dario Histaspes, dono de uma reivindicação distante ao trono, já que era descendente de Teispes (filho de Aquemenes), na linhagem de Ariaramnes, embora alguns historiadores afirmem que essa linhagem foi forjada por Dario depois de subir ao poder. Com outros seis conspiradores, Dario assassinou Gaumata em 29 de setembro de 522 a.C., e assumiu o trono.<sup>5</sup> Em suas próprias palavras, registradas na inscrição de Behistun:

Ninguém ousou dizer coisa alguma a respeito de Gaumata ... até que eu me levantei. Então fiz súplicas a Ahuramazda. Ahuramazda me trouxe ajuda ... Então, com a ajuda de uns poucos homens, matei Gaumata ... e seus principais seguidores ... Lutei dezenove batalhas. De acordo com a vontade de Ahuramazda eu os destruí e capturei nove reis ...<sup>6</sup>

Sua referência a dezenove batalhas tem a ver com a revolta generalizada que o golpe de estado provocou no império. Munn-Rankin afirma: “A princípio Dario não desfrutou de reconhecimento generalizado, mas teve que impor seu domínio pela força. O assassinato de Bardiya [Gautama] foi seguido, particularmente nas satrapias orientais, por revoltas generalizadas ...”.<sup>7</sup> Destas, a mais séria aconteceu em Babilônia, a principal cidade do império. Ali, em outubro de 522, estourou a primeira rebelião, sob o comando de um suposto filho de Nabonido, que assumira o título de Nabucodonosor III.

Outras rebeliões surgiram, das quais a mais importante foi uma segunda revolta em Babilônia, por outro suposto filho de Nabonido. Isso aconteceu em setembro de 521 a.C., quando um certo Araca ocupou a cidade e assumiu o predizível título de Nabucodonosor IV. A inscrição de Behistun afirma que essa rebelião final foi sufocada em 27 de novembro de 521 a.C. por Vindifarna, um dos sete conspiradores originais.<sup>8</sup>

<sup>2</sup> A. Olmstead, *A History of the Persian Empire*, 107.

<sup>3</sup> *Ibid.*, 92.

<sup>4</sup> Heródoto, *Histórias* iii.32, 35.

<sup>5</sup> G. B. Gray e M. Cary, “The Reign of Darius,” *Cambridge Ancient History*, 4:176.

<sup>6</sup> L. W. King, *The Sculpture and the Inscription*, 8-12.

<sup>7</sup> Joan M. Munn-Rankin, “Darius,” *Encyclopedia Britannica* 7:76.

<sup>8</sup> King, *Inscription*, p. 59. R. A. Parker e W. H. Dubberstein, *Babylonian Chronology: 626 a.C. - a.D. 75*, 13-14.

Olmstead indica que por volta de março de 520 a.C. o domínio de Dario estava assegurado e que um novo sátrapa fora designado e assumira seu posto em Babilônia.<sup>9</sup>

A reconstrução história acima proposta é geralmente aceita por historiadores e comentaristas, mas não sem sofrer críticas, conforme veremos mais tarde. É importante para uma compreensão exata de Ageu 2.20-23 que se estabeleça uma relação cronológica entre a situação política da Pérsia e Babilônia e a ocasião do último oráculo de Ageu. Um descuido nessa área poderá levar o estudante a considerar que o segundo e o quarto oráculos de Ageu foram tentativas fracassadas de extrair profecia da história. Assim é que uma conservadora como Joyce Baldwin escreve:

É natural que pensemos que Ageu (e Zacarias) esperassem que esta nova era viria ainda em seus dias, como resultado dos levantes no início do reinado de Dario. À medida que o tempo passou e Zorobabel não foi honrado como eles esperavam, as esperanças messiânicas foram transferidas para os seus descendentes.<sup>10</sup>

Baldwin parece partilhar a pressuposição de Mitchell de que a instabilidade geral prevaleceu em todo o império até boa parte de 519 a.C.<sup>11</sup> Dissertações doutorais recentes sugerem que as mensagens de Ageu se originaram “durante o progresso dessas revoltas ... numa época em que Dario ainda estava consolidando o seu poder.”<sup>12</sup> Que outras revoltas tenham acontecido é um fato atestado na inscrição de Behistun; tais problemas, no entanto, conforme indicado por Gray e Cary, foram de menor monta. Uma delas foi, na verdade, um problema administrativo com o sátrapa do Egito, e a outra ocorreu na satrapia de Susiana. Nenhuma das duas causou grande inquietação ou exigiu intervenção militar significativa.<sup>13</sup>

---

<sup>9</sup> Olmstead, *History*, 115-6.

<sup>10</sup> Joyce G. Baldwin, *Ageu, Zacarias e Malaquias: Introdução e Comentário* SCB 28, 42.

<sup>11</sup> H. G. Mitchell, et. al. *A Critical and Exegetical Commentary on Haggai, Zechariah, Malachi and Jonah* ICC, 20.

<sup>12</sup> Por exemplo, John G. Napier, “The Historical and Messianic Passages in Haggai”, 46, 48.

<sup>13</sup> Gray e Cary, “The Reign of Darius,” *CAH* 4:181-2.

Um argumento usado por estudiosos críticos para reduzir os oráculos de Ageu a profecias fracassadas é sua idéia de que aqueles se originaram durante o tempo das convulsões no império. Uma linha de raciocínio seguida por tais estudiosos é estender o período das revoltas até pelo menos 520 a.C., de modo a situar as mensagens de Ageu no meio do caldeirão político em que se transformara o império persa, e fazer do profeta um mero propagandista da linhagem de Davi, cujas esperanças de retomar o poder em Israel pareciam, à luz do panorama político, ter oportunidade de concretização. Esse raciocínio, conforme indicado acima, é incorreto e precisa ser rejeitado.<sup>14</sup>

A outra linha de raciocínio empregada para assegurar um sentido político, ou pelo menos um sentido principalmente político para as profecias de Ageu (e também de Zacarias) é percebido num velho artigo de Waterman<sup>15</sup> e, mais recentemente, num ensaio de Bickerman.<sup>16</sup> Ao invés de estender as rebeliões até o terceiro ano do reinado de Dario, esses dois eruditos fazem Ageu e Zacarias recuar um ano, situando assim o oráculo de Ageu sobre Zorobabel em 26 de dezembro de 521 a.C., numa época em que o profeta supostamente ignoraria que a revolta mais recente (a liderada por Araca) já tinha sido sufocada por Dario.

O ponto crucial de toda a questão é o sistema supostamente alegado para datar o reinado de Dario. Segundo Bickerman, deve-se desconsiderar o sistema do ano de acesso e contar 522-521 a.C. como o primeiro ano de Dario, e fazer o segundo ano começar em abril de 521 a.C. e estender-se até março de 520 a.C., um período bastante pacífico, pois a agitação já havia cessado em todo o império.<sup>17</sup>

Parece-me, todavia, que o motivo mais premente de Bickerman para datar de 521 a.C. a profecia de Ageu é a renitente pressuposição crítica de que os profetas eram meros “oportunistas messiânicos” cujas visões de um futuro glorioso tinham que ser derivadas de condições histórico-políticas apropriadas.<sup>18</sup>

---

<sup>14</sup> Isso não significa que as profecias de Ageu não sejam historicamente relacionadas; é uma afirmação, isto sim, de sua independência da história como base para sua formulação e para sua compreensão pelos ouvintes (e leitores) originais.

<sup>15</sup> Leroy Waterman, “The Camouflaged Purge of Three Messianic Conspirators,” *JNES* 12 (1954):73-8.

<sup>16</sup> E. J. Bickerman, “En Marge de l’Écriture II. La Seconde Anée de Darius,” *RB* 83 (1981):23-28.

<sup>17</sup> *Ibid.*, 25.

<sup>18</sup> *Ibid.*, 24.

Waterman acrescenta uma segunda razão para datar Ageu em dezembro de 521 a.C. Ele liga Ageu 2.20-23 a Zacarias 2.7 (10 no T.M.) e argumenta que a ordem de sair de Babilônia só faria sentido se Babilônia fosse uma cidade-estado independente, como de fato foi, temporariamente, sob o governo de Araca ... quando se revoltou contra Dario. Não faria sentido se o governante de Babilônia também tivesse controle sobre o império persa, como seria o caso depois que Dario retomou Babilônia no vigésimo-segundo dia do oitavo mês, 27 de novembro de 521 a.C.

Ele continua seu argumento dizendo que Ageu profetizou na base da esperança e da ignorância. O profeta teria permitido que algum tempo passasse para ter certeza que a revolta de Araca (Nabucodonosor IV) fora bem sucedida, ao contrário daquela promovida por Nidintu-Bel (também conhecido por Nabucodonosor III), que Dario sufocara depois de apenas dois meses. Ainda assim, teria “queimado a largada” política por algumas semanas, ao anunciar que Zorobabel seria elevado ao trono davidico em breve, quando a fonte de sua esperança havia sido sepultada pelos exércitos persas quatro semanas antes.<sup>19</sup>

Este argumento bífide pode ser respondido da seguinte maneira. Em primeiro lugar, a chegada tardia de Dario ao trono de Babilônia deveria nos levar a considerar o meio ano de setembro de 522 a.C. a abril de 521 a.C. como seu ano de acesso, considerando que Cambises foi o monarca legítimo até julho de 522 a.C., data de sua morte. Uma vez que tabletes babilônicos são datados com referência a Nidintu-Bel até setembro de 522 a.C.<sup>20</sup> e Babilônia foi o foco da atenção profética, não me parece razoável alegar que o período de três meses entre os triunfos de Dario sobre Gautama e sobre Nidintu-Bel como um tempo de reinado incontestado para o general persa. A data mais antiga em que ele é denominado rei de Babilônia é janeiro de 521 a.C.,<sup>21</sup> deixando assim míseros dois meses para contar como seu primeiro ano de reinado, o que não parece justificável.

---

<sup>19</sup> Waterman, “Camouflaged Purge,” 76.

<sup>20</sup> Gray e Cary, “The Reign of Darius,” 177.

<sup>21</sup> *Ibid.*

De igual modo, é necessário questionar a validade da afirmação de Bickerman de que 520 a.C. não poderia servir como o ano da profecia de Ageu, devido à sua natureza pacífica. Mesmo que se aceite a opinião questionável de que os profetas *dependiam* de eventos políticos para a formulação de suas mensagens, a história permite que 520 a.C. seja uma data possível uma vez que “o próprio Dario reporta numa adição datada de 518 a.C. (parágrafo 71 da inscrição de Behistun) que ‘no segundo ano depois de se tornar rei uma rebelião em Elão precisou ser suprimida’, e mais tarde uma rebelião dos citas (parágrafo 73). Assim, ainda houve um certo grau de instabilidade em 520 a.C.”<sup>22</sup> Isso indica que se 520 a.C. for aceito como o ano em que Ageu profetizou, teria havido inquietação política suficiente para tornar sua profecia possível, embora não houvesse o suficiente para fazer dela um produto justificável das condições políticas.

Em segundo lugar, a acusação de Waterman que Ageu profetizou com base em sua ignorância é derivada de uma compreensão profundamente errada da natureza das comunicações durante o período persa. Seu argumento de que “ficaria certamente a cargo de lentas caravanas comerciais levar as notícias para o oeste até a Palestina”<sup>23</sup> é totalmente inadequado. Ackroyd, citando as *Crônicas dos Reis Caldeus*, de D. J. Wiseman, afirma que notícias importantes poderiam atingir locais a mais 600 quilômetros de distância em questão de dez dias.<sup>24</sup> Seria então, altamente improvável que Ageu e Zacarias tivessem permanecido ignorantes das revoltas e de suas conseqüências. Uma vez que o controle persa de Babilônia tinha sido restabelecido em meados de novembro, Ageu teria tido pelo menos um mês para receber as notícias, que Dario, certamente, teria despachado com máxima urgência para todas as satrapias do império.<sup>25</sup>

Mesmo que o primeiro ano de Dario tivesse sido 521 a.C., Ageu e Zacarias não poderiam ter permanecido ignorantes do controle persa sobre Babilônia, que tinha sido o foco principal de instabilidade política. É muito mais provável que os profetas, os líderes e o povo de Judá tenham tido quase um ano inteiro (de janeiro de 520 a.C. até dezembro de 520 a.C., quando a profecia foi enunciada) para entender que as rebeliões generalizadas, umas maiores, outras menores, não seriam o meio pelo qual a soberania judaica seria restaurada. A tabela cronológica que se segue resume os dados aqui apresentados e propõe a data mais recente para a profecia de Ageu como a que melhor explica e acomoda os dados históricos do período.

<sup>22</sup> Hans Walter Wolff, *Haggai: A Commentary*, 76.

<sup>23</sup> Waterman, “Camouflaged Purge,” 77.

<sup>24</sup> Peter Ackroyd, “Two Old Testament Historical Problems of the Early Persian Period,” *JNES* 17 (1958):17-18.

<sup>25</sup> Wolff, *Haggai*, p. 75, citando a inscrição de Behistun, parágrafo 70.

Ano (a.C.)	Mês	Acontecimento
522	1º de julho	Gautama aclamado imperador
522	29 de setembro	Dario assassina Gaumata
522	outubro	Primeira revolta em Babilônia
521	janeiro	Dario oficialmente reconhecido como rei de Babilônia
521	janeiro	Revoltas na Média e na Armênia <sup>26</sup>
521	maio	Revolta da Armênia sufocada
521	junho-julho	Revolta da Média sufocada
521	setembro	Segunda revolta em Babilônia
521	27 de novembro	Revolta da Babilônia sufocada
520	janeiro	Dario oficialmente reconhecido como rei de Babilônia
520	abril	Operações de consolidação de poder na Partia
520	29 de agosto	Primeiro oráculo de Ageu
520	17 de outubro	Segundo oráculo de Ageu
520	novembro-dezembro	Começa o ministério de Zacarias
520	18 de dezembro	Terceiro e quarto oráculos de Ageu
519	15 de fevereiro	Primeira visão noturna de Zacarias. A terra está em paz.

<sup>26</sup> As datas das revoltas são baseadas em Gray e Cary, "The Reign of Darius," *CAH* 4:177-84.